

BALÕES DE PENSAMENTO

TEXTOS PARA PENSAR QUADRINHOS

BALÕES DE PENSAMENTO

TEXTOS PARA PENSAR QUADRINHOS

ÉRICO
ASSIS

2020

ILUSTRAÇÕES DE:

ANDRÉ VALENTE

SAMANTA FLOOR

ING LEE

GABRIEL DANTAS

WAGNER WILLIAN



Sumário

Apresentação & Agradecimentos	11
--	----

Prefácio	15
-----------------------	----

Autores

Salão de Beleza	23
-----------------------	----

Chris Ware dançando	27
---------------------------	----

A artista travestida	33
----------------------------	----

Autores e impostos	37
--------------------------	----

Três Mazzucchelli	41
-------------------------	----

Pelotas	47
---------------	----

Luiz Gê	55
---------------	----

Links	61
-------------	----

Os primeiros autores	69
----------------------------	----

Spiegelman & Mouly, Mouly & Spiegelman	73
--	----

Eu não entendia Moebius	79
-------------------------------	----

Criadores e criaturas	87
-----------------------------	----

Satrapa entrevistada	93
----------------------------	----

Resenhas

Meu primeiro semestre	101
-----------------------------	-----

“Aqui”	105
--------------	-----

Excursões oculares	111
--------------------------	-----

Sessenta propostas de quadrinhos	115
Maggie e Ray	121
~798 quadrinhos para ler antes de morrer	127
Como ler “Habibi”	131
Listas.....	141
Resenhando os Quadrinhos.....	147

Teoria

iGibi.....	153
O futuro do livro	159
O silêncio da splash page	163
Quadrinhos sem tempo.....	171
Filosofia de gibi e o sentido da vida.....	181
Escrever em quadrinhos.....	185
Dos balões	189

Leitores

Olivia em Quadrinhos.....	195
Cosplay	199
Identidades secretas.....	203
Uma imagem vale mais do que mil palavras.	
Vai dizer isto com uma imagem	209
Aula	213
Quem aí lê quadrinhos? (1).....	219

Traduzi

Peregrino Escoto vs. The World	233
O Método Yusa Para Tradução de Quadrinhos	239
Sobre traduzir gibi	243
Grécic nóvel	251
Super-herói	257
Atividades sórdidas e desprezíveis	261
Atividades sórdidas e desprezíveis - o retorno	271
Quase lá	275
Minha Wizard n. 30	279
Garoto e garota sentados lado a lado, assistindo a chuva cair	283

Mercado

Independentes	289
Por Que O Prêmio	295
Jabuti Deveria Ter Categoria Quadrinhos ou Por Que O Prêmio Jabuti Não Deveria Ter Categoria Quadrinhos	295
Falha no sistema	305

Índice Remissivo	311
-------------------------------	-----

Apresentação & Agradecimentos

Este livro é uma coletânea de textos que publiquei no Blog da Companhia, da editora Companhia das Letras, entre 2010 e 2013. Fui convidado a participar do Blog como colunista quinzenal a partir da sua fundação, encarregado de escrever sobre qualquer tema relacionado a histórias em quadrinhos — que a editora publicava no selo Quadrinhos na Cia., no qual eu também atuava como tradutor.

Ainda escrevo para o Blog da Companhia, sendo que a coluna tornou-se mensal a partir de 2014. Também continuo traduzindo para a Quadrinhos na Cia. Meus planos são de reunir outras colunas em outros volumes de Balões de Pensamento. Pois é, você acaba de se comprometer com uma coleção.

Agradeço muito ao André Conti, meu primeiro editor na Quadrinhos na Cia., e o principal impulsionador na editora para a existência da minha coluna — assim como impulsionador da minha carreira como tradutor.

Também agradeço à Diana Passy, minha primeira editora no Blog, por puxar minha orelha sempre que eu precisei. À Taize Odelli, ao Paulo Santana e ao Enrico Weg, que a sucederam nos puxões de orelha. E à Companhia das Letras, sobretudo ao editor Emilio Fraia, por autorizar a publicação destes textos.

Agradeço aos leitores que leram, comentaram e compartilharam os textos, assim como aos que conversaram comigo — e até me concederam entrevistas para um dos textos deste volume. Do mesmo modo, agradeço aos autores que aguentaram minhas perguntas, minhas visitas a estúdio, minhas puxadas de papo durante festival. Vocês são muito destes textos.

Agradeço ao Guilherme Kroll, por topar a ideia do Balões na Balão Editorial, e a suas sócias Natália Tudrey e Flávia Yacubian. Também tenho muitos agradecimentos ao pessoal do Catarse, especialmente Leandro Saioneti e Valquíria Vlad, extremamente prestativos no acompanhamento do projeto. E a você que apoiou o financiamento coletivo do livro.

As pessoas que mais merecem agradecimentos são a Olivia e o Martim, meus quadrinhos preferidos, e a Marcela, que faz os melhores filhos e os melhores livros. É por vocês que eu faço tudo.

E aos meus pais, por terem me dado tantos gibis antes de eu pedir, por terem se arrependido quando eu comecei a pedir, e que poucas vezes disseram não. Olhem só no que deu. Vocês não estão aqui para ler, mas este livro devia ter sido para vocês.

Prefácio

Era meu segundo ano trabalhando na Companhia das Letras quando me convidaram para cuidar de um novo projeto: o Blog da Companhia. Era 2010, as editoras brasileiras estavam aos poucos descobrindo as redes sociais e os benefícios de falar diretamente com seus leitores. Eu sou uma pessoa tímida, então trabalhar no Departamento de Comunicação não era algo que tinha considerado até então. Mas tinha decidido trabalhar no mercado editorial não só porque sou apaixonada por livros, mas também por conta dos bastidores. Logo, a ideia de abrir essas portas e trazer o público leitor para perto era irresistível.

Eu partia de um princípio que pode parecer óbvio, de tão simples, mas ainda não era tão aplicado à época: quem trabalha com livros tem um carinho tão grande por eles quanto quem os lê. Por que não usar esse ponto de partida para criar uma conversa entre as duas partes?

O Blog da Companhia foi ao ar no dia 17 de maio de 2010. O primeiro post foi justamente o que abre esta coletânea. Se no início havia o receio de ser apenas mais uma ferramenta para divulgar os lançamentos da editora (o que também fazíamos, e até hoje a pergunta “quando sai o próximo Scott Pilgrim?” me dá calafrios), logo ficou claro que os colabores (escritores, tradutores, preparadores, editores, designers...) tinham muito a falar. E os textos que você encontra nas páginas a seguir são um belo exemplo disso.

Quando o Érico me convidou para escrever este prefácio, confesso que fiquei um pouco preocupada com a possibilidade de o conteúdo ter ficado datado. Mas relendo todas as colunas, me senti abraçada pela importância desse registro. O começo da década de 2010 foi uma época em que os quadrinhos estavam ganhando uma visibilidade inédita. O mundo parecia estar finalmente reconhecendo as HQs como arte e literatura. Eventos e festivais sobre o tema estavam surgindo em diversas cidades do Brasil. Editoras grandes estavam apostando não só em títulos de venda garantida, mas também naqueles que traziam experimentações autorais. E o crescimento das redes sociais fomentava a cena independente, com a facilidade de publicar histórias online e o surgimento de sites de crowdfunding.

Sobre esse pano de fundo, você poderá acompanhar Érico se empolgando sobre diversos quadrinistas e obras (prepare-se para anotar muitas dicas), mas também aproveitando para discutir temas essenciais sobre nossa produção nacional, suas experiências como tradutor, a necessidade (ou não) do Jabuti ter uma categoria para Quadrinhos (a campanha teve sucesso alguns anos depois), e se as firulas gráficas estavam com os dias contados por causa do formato digital.

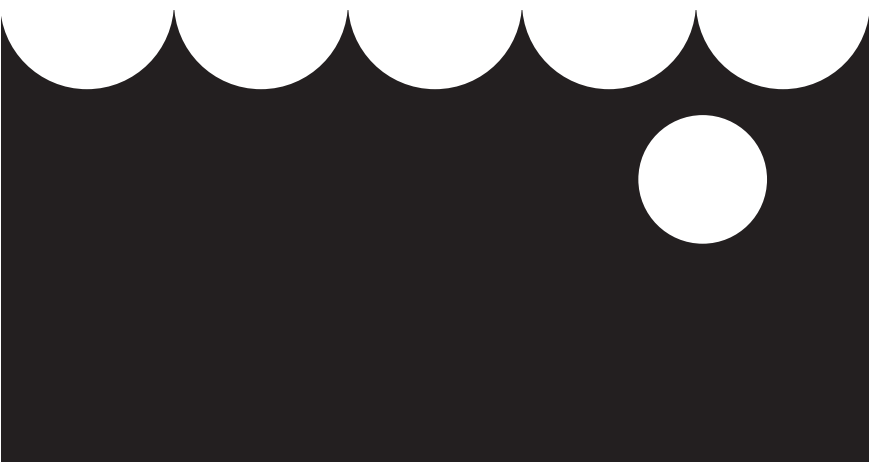
Os textos não têm o objetivo de dar respostas, ou encerrar discussões. Eles são, de fato, como balões de pensamento. E eu não conheço ninguém que pense e escreva sobre quadrinhos com tanta bagagem e tanto cuidado quanto o Érico. Mergulhar novamente nessas linhas me trouxe uma nostalgia gostosa, por serem um retrato tão fiel de uma época em que oportunidades surgiram para artistas que estavam batalhando há anos, em que quadrinhos eram lançados com o mesmo cuidado e prestígio de um ganhador do Nobel de Literatura, e em que tantos leitores que cresceram com gibis redescobriram as graphic novels. Não foi uma época perfeita, e ainda hoje temos muito a melhorar, mas a maré subiu o suficiente para que outros barquinhos subissem junto e um público maior descobrisse os quadrinhos, e a comunidade por trás deles.

Ou talvez pareça uma época muito especial porque foi assim para mim, porque sinto saudades de encontrar os autores, de conversar com o André Conti (o primeiro editor da Quadrinhos na Cia.) e com o Érico sobre os lançamentos, de participar das rodinhas pós-evento em que todos sabíamos que estávamos ferrados no dia seguinte mas, putz, você viu o trabalho lindo que o fulano está criando? Porque se teve uma aposta minha lá do começo que se pagou foi a de que esse mercado é feito de pessoas, e essas pessoas são tão interessantes quanto as histórias que colocamos nas prateleiras.

Por alguns anos eu pude começar minhas segundas-feiras abrindo um e-mail do Érico e lendo seus pensamentos. Fico feliz que agora eles estejam reunidos aqui, e que você possa tê-los na estante para pensar junto com o Érico em qualquer momento da semana.

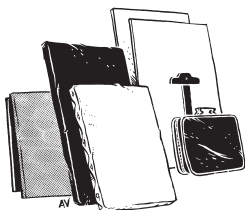
Diana Passy

Diana Passy é curadora e organizadora de eventos literários, além de prestar consultorias para o mercado editorial. Foi editora do Blog da Companhia do seu início, em 2010, até 2014. Ainda na Companhia das Letras, atuou nas áreas de marketing, seleção de originais para publicação e captação de autores. Em 2017 criou a FLIPOP, primeiro festival literário do Brasil totalmente focado em jovens leitores.



Autores

*Ele observa o dono
da mesa de desenho.*



Salão de Beleza

Tem um vira-lata embaixo da mesa de desenho. Se não me engano, vi outro andando pela casa. Esse, o debaixo da prancheta, está deitado placidamente sobre almofadas velhas. Parece que o canto dele é ali mesmo, do lado dos skates.

Com o olhar triste de vira-lata, ele observa o dono da mesa de desenho, que no momento checa os e-mails em outra mesa. Na parede atrás do computador, juntam-se algumas dezenas de pinturas em acrílico. Na parede ao lado, mais ainda – a maioria delas com mais de um metro de largura. No chão tem mais telas, fileiras de telas encostadas na parede.

Rafael Coutinho já havia desenhado sua quota diária e tinha outras coisas na cabeça. Sua exposição solo na galeria Choque Cultural havia aberto na semana anterior, com grandes quadros figurativos cujo destaque é o *crop* ousado.

No seu estúdio, também há uma coleção desorganizada de livros e quadrinhos ao lado da mesa de dese-

Balões de Pensamento

nho, e originais de seu pai, pequenos, em uma parede. O pai, no caso, é a Laerte, quadrinista também respeitada por quem entende. Os quadrinhos com originais de outros artistas seguem pelas paredes e levam para fora da sala. Lá tem mais Laerte, um Angeli, Fábio Moon, Gabriel Bá e outros.

Agora é o outro habitante da casa, Rafael Grampá, que está me mostrando um dos quadros: uma página de jornal amarelada e desgastada do *Little Nemo* de Winsor McCay. No seu próprio estúdio, colado ao de Coutinho, a estante tem ainda mais influências: Jeff Smith, Frank Miller, Geof Darrow, Paul Pope, Jamie Hewlett.

Na mesa de desenho de Grampá tem uma cena de ação que envolve um aquário despedaçado. Grampá deu detalhes e expressões próprias a cada peixinho. Estatuetas de Rufo e Sangrecco, os personagens de *Mesmo Delivery*, seu primeiro trabalho, ficam sobre a escrivaninha. Ao lado deles, um troféu do Eisner Awards e dois HQ Mix. Há só um quadro na parede: um pôster de Lourenço Mutarelli.

Há mais um habitante na casa: Fabio Cobiaco. Seu estúdio é o que deve ter sido uma sala de jantar. Não há divisórias, e você passa obrigatoriamente por ele quando vai à cozinha ou ao banheiro. Em compensação,

Autores

é o maior estúdio da casa. Cobiaco é mais na sua; naquela tarde, é o único que está compenetrado na prancheta.

Não há nada demais na casa da Pompeia, bairro paulistano, se você não souber que Rafael Coutinho está desenhando *Cachalote*, a graphic novel escrita por Daniel Galera, a HQ nacional mais comentada antes do lançamento na história; que Rafael Grampá prepara *Furry Water and the Sons of the Insurrection*, coescrita por Daniel Pellizzari, tão aguardada quanto sequência de blockbuster tanto no Brasil quanto nos EUA; e que Fabio Cobiaco está igualmente ocupado com *V.I.S.H.N.U.*, roteiro de Eric Acher e Ronaldo Bressane, outro lançamento para este ano.

Se esse pontinho na Pompeia não é um planeta importante na constelação dos quadrinhos contemporâneos, nada mais é.

* Publicada em 17 de maio de 2010. Não lembro o dia exato em que visitei o estúdio de Coutinho, Grampá e Cobiaco, mas acho que foi no início de 2010. Entreguei o texto no final de abril e acabou sendo a primeiríssima publicação do Blog da Companhia no mês seguinte. Neste meio tempo, Fabio Cobiaco saiu do estúdio. *Cachalote* e *V.I.S.H.N.U.* foram lançadas, mas Grampá nunca lançou e provavelmente nunca lançará *Furry Water*.

"Os infelizes
também merecem
alguma coisa."



Chris Ware dançando

No livro *Nouveaux moments clés de l'histoire de la bande dessinée*, François Ayroles elege como um dos “novos momentos-chave da história dos quadrinhos” o dia em que Chris Ware, aí pelos 8 anos, enviou uma carta para Charlie Brown. O Ware de 8 anos havia lido a tirinha dos *Peanuts* em que Charlie não sabe se vai receber cartões no Dia de São Valentino [o Dia dos Namorados em alguns países]. De lágrimas nos olhos, o garoto escreveu um cartão e endereçou-o ao dono do Snoopy.

Quinze anos depois, Ware já estava publicando quadrinhos no jornal da universidade. Mais uma década e lançaria *Jimmy Corrigan: o menino mais esperto do mundo*, clássico instantâneo das HQs e tratado visual sobre o fracasso e a tristeza.

* * * * *

Num *cross-over* entre Jimmy Corrigan e Quimby the Mouse – Ware tem vários personagens recorrentes.

Balões de Pensamento

tes, que mudam de personalidade e circunstâncias de acordo com a necessidade —, Jimmy é procurado por um amigo em desespero: “o meu avô! Ele... ele envelheceu! Temo que, algum dia, possa até morrer! Ele tocava tuba para mim, agora não consegue mais!”.

O garoto mais esperto do mundo busca a solução nas “bibliotecas mais remotas do mundo”, empenha navios, aviões, trens, carros e horas sem sono para desenvolver a solução. Chega à fórmula para deter a velhice. O último ingrediente necessário: a cabeça do jovial camundongo Quimby. Jimmy liga para Quimby. “Sempre achei que algo assim fosse acontecer”, diz o rato, que envia sua cabeça pelo correio. O experimento dá certo e Jimmy cura a velhice.

O avô revigorado vai tocar tuba na rádio. Jimmy lembra que Quimby adora ouvir concertos de tuba. Mas, de súbito, Jimmy fica triste ao lembrar que Quimby não tem mais cabeça nem orelhas para ouvir música. A história termina com Quimby, sem cabeça, imóvel em sua poltrona, diante do rádio desligado.

* * * * *

Do momento em que publicou *Jimmy Corrigan* até hoje, Ware, apesar de aparente falta de destreza nas

Autores

relações humanas, tornou-se uma espécie de embaixador dessa nova fase de respeito literário dos quadrinhos, levando o país fechado das HQs ao planeta da alta cultura. Ganhou um prêmio de literatura do jornal inglês *Guardian*, foi o primeiro quadrinista a ter exposição solo no Whitney Museum of Art e editou um número da *McSweeney's*, a revista dos novos nomes da literatura dos EUA, todo dedicado a quadrinhos.

Sua relação com o mundo *highbrow* é inédita para as HQs; parece mais a de um novo e celebrado literato. Ele já publicou seus contos (dá para chamar de “conto” se é HQ?) na *Virginia Quarterly Review*, no *New York Times*, na *Granta*, na *New Yorker* e na coletânea sobre estudos de personagens *The book of other people*, organizada por Zadie Smith. Em 2006, ganhou 50 mil dólares da fundação United States Artists, que financia artistas de áreas diversas. Seu estilo também já foi à TV, para animar sequências do programa *This American Life*. Há pelo menos quatro livros dedicados exclusivamente a analisar sua obra, publicados em inglês, espanhol e francês. *The comics of Chris Ware: drawing as a way of thinking*, deste ano, é uma reunião de artigos científicos sobre suas HQs.

Suas principais ocupações, porém, são a série *Acme Novelty Library* — que este ano chega à vigésima das edi-

Balões de Pensamento

ções publicadas sem frequência nem formato definidos desde 1993 – e projetar os volumes de arquivo da tira *Krazy Kat* (1913-1944). Seu “próximo Jimmy Corrigan” pode ser *Rusty Brown*, a história de um menino geek que vira adulto geek, e que vem sendo serializada na *Acme Novelty*.

* * * * *

Ware: “Gente feliz tem arte de sobra. Nossa cultura inteira é organizada em torno de gente feliz. Os infelizes também merecem alguma coisa.”

* * * * *

Em um documentário produzido para a TV francesa, Ware admite que prefere viver com as coisas do passado, “quando não se tinha a impressão de que tudo ia ladeira abaixo”. Diz isso enquanto monta a vitrola para tocar um de seus crepitantes discos de *ragtime*, o estilo musical de sucesso nos EUA da década de 1910. Ele já editou uma revista para os aficionados em *ragtime* e fazia capas de discos para músicos que ainda seguem o estilo, como Andrew Bird.

Autores

Nesse momento, a câmera capta-o, de pé, ouvindo a música. As mãos atrás do tronco, sua cabeçona dá um leve indício de que vai se mexer. A câmera desce até seus pés – um dos quais bate sutilmente, ritmado, no chão. Chris Ware está dançando.

* *Publicada em 28 de junho de 2010. Rusty Brown ganhou capítulos na Acme Novelty Library até aquele ano. Rusty Brown vol. 1, uma coletânea destes capítulos, saiu em 2019.*

A artista travestida

Na primeira HQ do arquivo de outubro, Dom Pedro II encontra o Major Sólton Ribeiro logo após a Proclamação da República. A discussão política ganha tons inflamados, que viram uma briga entre as duas figuras históricas e termina em Dom Pedro II proclamando-se uma espécie de Batman do Brasil. É preciso muita cancha nos quadrinhos para conseguir contar tudo isso, com clareza e emoção, em uma página só, com 13 quadros. A economia – de traço, de diálogo, de narrativa – renderia uma aula inteira para quem estuda quadrinhos, animação ou cinema.

Seguem as histórias da Lagartixa. Lagartixa está à procura de uma ideologia. Tenta encontrá-la no sono. Acorda pulando da cama, pois teve uma epifania. Lagartixa explica a diferença entre relacionamentos binários paritários e autoritários – para ninguém. Lagartixa cita o ministro Gilmar Mendes na cabine de votação. Pois sim, foi mês de eleição.

Balões de Pensamento

Tanto foi mês de eleição que uma das tiras – das quadradas, quatro quadros, para a *TV Folha* – trata de aborto, aproveitando os 15 minutos em que o assunto entrou na pauta em outubro. “Neste país se respeitam as decisões pessoais!”, declara no arremate (é um arremate?) o personagem das sombras, após submeter a grávida a um interrogatório passivo-agressivo. Outra tira rende um comentário à eleição de Tiririca, que – concorde você ou não com a crítica – ainda é um dedo na ferida.

Em meio aos momentos mais reflexivos, há também as tradicionais piadas prontas, que ficam sensacionais por conta da representação visual. Como a de Kluh, o Hulk ao contrário – “quando se enfurece, ele se torna muito menor e dotado de uma força ridícula”. Mas mesmo nestas há um pouco de filosofia, simples, mas profunda.

Tem ainda as “Drágeas”, todas elas também tentando captar alguma coisinha do que é sentir-se vivo (“Creio que uma das responsabilidades do artista e do escritor é comunicar clara e sinceramente como é estar vivo para quem ainda não nasceu” – Chris Ware). E numa série nova, “Museus”, quadros de total simplicidade – como as do “Museu do Momento Embaraçoso”: dois pés se apontando, mãos se encontrando nas costas, olhando pra cima pra fingir

Autores

que não é com você – também mostram com economia um pouco do que é estar vivo.

No mesmo mês, lançamento de um livro (*Muchacha*), um troféu HQ Mix de “Grande Mestre”, participação em Feiras do Livro, mais tiras para crianças, para adolescentes, para diferentes veículos, para ninguém específico. Com uma variedade de ideias, de estilos, de demonstrações de domínio da narrativa e de maestria em desafiar a técnica, criando verdadeiras aulas de inovação em desenho, composição e roteiro.

Isso tudo é para dizer que CHEGA de teorias, análises, entrevistas, psicanálise-de-bar e mesmo de psicanálise-de-verdade sobre a Laerte ser trans. Chega. Queira ela vestir-se de tia velha, de inca venusiano, de dinossauro ou de Dom Pedro II, o negócio é o seguinte: não é da minha nem da sua conta. O que devia ser da nossa conta é celebrar o fato de estarmos testemunhando o momento mais prodigioso da carreira de uma quadrinista brasileira, com uma obra autoral e inovadora, sem igual no mundo, de importância artística e política, que mistura as veias cômicas e filosóficas com um senso de ridículo afiado, lapidado por algumas décadas de cartunismo.

É óbvio que o noticiário vai preferir as unhas pintadas. Rende até algumas frases laérticas brilhantes (“O Angeli é um exemplo de que uma pessoa pode

Balões de Pensamento

ser completamente hétero e legal”, em entrevista à *Folha*), e é divertido. O problema é quando o noticiário vira só isso. Faça-se um favor e vá ler tudo que puder da Laerte — e não sobre a Laerte.

* Publicada em 22 de novembro de 2010. Não sei se este texto está, se é que já esteve, sintonizado ou respeitoso com o que aconteceu em torno da Laerte. Ela acabou virando um símbolo entre pessoas trans brasileiras e tem importância neste cenário que não pode ser descontada. Então, sim, devia-se falar sobre Laerte ser trans. E também sobre sua genialidade como quadrinista, chargista, ilustradora etc..

Autores e impostos

O fisco francês quer que Albert Uderzo, um dos criadores de Asterix, pague imposto a mais pelo que ganhou com os álbuns onde é creditado apenas como “ilustrador” – os 24 primeiros do personagem gaulês, em que o roteirista é o cocriador René Goscinny. Uderzo vinha pagando impostos como “autor”, a uma taxa 20% menor do que a de “ilustrador”. Segundo as contas do fisco sobre impostos retroativos a janeiro de 2007, o ilustrador-que-não-é-autor deve 203 mil euros aos cofres franceses.

Uderzo alega que, mesmo creditado como desenhista nos álbuns, efetivamente colaborou nos roteiros de todas as histórias de Asterix – o que satisfaz a definição que o fisco tem de “autor”. Segundo o desenhista, isto está especificado nos primeiros contratos dele e de Goscinny com a editora Dargaud: ambos são autores, mas sempre seriam identificados nos álbuns como roteirista e desenhista.

* * * * *

Balões de Pensamento

Achei que a discussão sobre o nível de autoria do desenhista nos quadrinhos servia apenas para três fins: assunto no bar, coluna de crítico e, com sorte, bolsa de pesquisa. Nunca passou pela minha cabeça que interessaria ao imposto de renda.

O fisco francês está errado por uma série de razões. A essencial é não entender que os quadrinhos dependem de imagens e palavras. Não há como conceber um desenhista de quadrinhos que não seja autor das ideias, sejam suas ou de outro, que representa em imagem.

Há relatos de que Stan Lee, o grande criador do universo de super-heróis Marvel, entregava sinopses de meia página para seus desenhistas desenharem vinte. Era seu “roteiro”. A partir de “Quarteto Fantástico encontra civilização de seres superpoderosos perdida no Himalaia”, Jack Kirby pensava em como esticar aquilo em vinte páginas, quebradas em quadrinhos, dar início, meio e fim, e encaixar cenas legais de ação. Lee dava uma olhada no resultado depois e criava os diálogos direto na página desenhada.

Por outro lado, os roteiros de um Alan Moore são o terror dos cartuchos de impressora. A republicação recente no Brasil de *A Liga Extraordinária* vem acompanhada das laudas que o escritor entregou ao dese-

Autores

nhista Kevin O'Neill, em que cada quadrinho merece descrição detalhada quanto a angulação, posição da câmera, iluminação, estilo de traço, posição dos balões, expressão do personagem ao dizer o que está nos balões, a direção para qual voa a echarpe de Mina Harker e como interpretar os trechos de *20.000 Léguas Submarinas* em que Julio Verne descreve a ornamentação do submarino do Capitão Nemo.

Stan Lee e Alan Moore são dois extremos na técnica do roteiro para os quadrinhos. Mas não faz diferença: de uma ponta a outra deste espectro, existe a subjetividade de Kirby, O'Neill e qualquer desenhista de HQ em conceber as imagens que narram a história. E, na maioria das vezes, narram mais do que o texto.

A capa de um livro de literatura pode ser o resultado da interpretação do conteúdo por um ilustrador, mas não narra. Um livro ilustrado tem várias interpretações de elementos da história por um ilustrador – mas que também não são essenciais para narrar a história. No caso dos quadrinhos, imagens e texto narram necessariamente juntos. Quem “só desenha”, portanto, tem que ser considerado autor.

Numa comparação com o cinema, o fisco francês está dizendo que o diretor do filme é apenas ilustrador do roteirista.

Balões de Pensamento

* * * * *

A maior preocupação no caso Uderzo *versus* fisco francês é que ele abra precedente contra desenhistas de quadrinhos, que ficariam desprivilegiados em termos fiscais (já sendo desprivilegiados em remuneração). Para o criador de Asterix, também é uma questão de honra – ele declarou que a interpretação do fisco é uma “brutalidade” contra sua carreira.

À parte questões de honra, teoria, direito e impostos, a notícia faz quadrinistas de todo o planeta babar. Numa lista de discussão, o crítico português Pedro Bouça fez as contas: se o fisco quer 200 mil euros a mais de Uderzo, 20% além do que já pagou, quer dizer que Uderzo faturou uns 4 milhões de euros entre 2007 e 2010. O que também significa mais 4 milhões para a família de René Goscinny (falecido em 1979), somente pelos álbuns publicados originalmente até 30 anos atrás (houve mais depois, escritos e desenhados por Uderzo).

Para estes babando, a notícia diz uma coisa só: pelo menos alguém fica milionário fazendo quadrinhos.

* Publicada em 24 de janeiro de 2011.

Três Mazzucchelli

Zê-zê, cê-cê, ele-ele. Não é difícil aprender a grafia correta do sobrenome do autor de *Asterios Polyp*, David Mazzucchelli, comparada à dificuldade que é entender sua carreira. De desenhista de super-herói com ascensão meteórica (e vamos falar mais sobre meteoros) a autor de graphic novel-arte, foram mais de duas décadas. É como se um ator sumido das novelas da Globo ressurgisse com glórias no teatro britânico.

Mas muitos anos de poucas páginas, se comparado aos raros nomes nos quadrinhos que conseguiram fazer essa transição. E seu “sumiço” – nem uma página publicada durante nove anos – deixa a história ainda mais estranha. Três páginas mazzucchellianas talvez ajudem a contar essa trajetória.

Estudante de pintura apaixonado por quadrinhos, Mazzucchelli tentou a sorte nas poderosas editoras de quadrinhos dos EUA, Marvel e DC, aos 20 anos. Aos 24, trabalhava numa série mensal: do Demolidor, o herói cego com roupa de demônio conhecido pelas histórias

Balões de Pensamento

com tom *noir*, principalmente as que Frank Miller escreveu e desenhou no início dos anos 1980. Na segunda metade daquela década, Miller, no auge da fama, topou voltar à série só como roteirista, mantendo os desenhos com Mazzucchelli.

A sequência de histórias conhecida no Brasil como “A queda de Murdock” – em que Matt Murdock, identidade secreta do Demolidor, perde casa, profissão, dinheiro e sanidade, mas dá a volta por cima – é um marco. O artista já tinha todas suas referências de história da arte e dos quadrinhos (Gould, Krigstein, Toth, Kurtzman, Eisner) e deu mais um salto ao entrar no círculo de artistas de Miller – pessoal que se reunia para estudar os mangás e as *bande dessinées* importadas sem entender uma palavra de japonês ou de francês. Queriam só entender o traço, a narrativa, como conseguiam contar uma história só nos desenhos.

Miller e Mazzucchelli faziam mais um trabalho juntos: *Batman – Ano um*, história de referência para todos os bat-quadrinhos, bat-filmes, bat-desenhos animados e bat-videogames que vieram depois. A partir daí, podia fazer o que quisesse. E, por um bom tempo, decidiu repensar se queria mesmo ser quadrinista.

A fama nos gibis de super-herói até atrapalhou. Experimentando novos traços, ele mandou histórias

Autores

para a revista de vanguarda *Raw* e foi rejeitado pelo editor Art Spiegelman. Resolveu publicá-las por conta própria. *Rubber blanket*, a série que lançou em 1991, representava seu ímpeto de fazer qualquer HQ que quisesse, no traço que quisesse, e quando estivesse a fim.

A primeira edição abria com “Near miss”, um conto de nove páginas sobre Steven Drizzle, homem que abre mão da família, do emprego e da casa ao descobrir que um asteroide passou raspando na Terra: 700 mil quilômetros de distância. “Não quero acabar como os dinossauros”, ele avisa à mãe antes de ir embora. Refugia-se num cânion, onde monta sua luneta, aponta para as estrelas e espera.

Mazzucchelli teve reconhecimento internacional com *Rubber blanket*. Suas histórias eram republicadas na França e na Itália em formato de livro, coisa que nunca aconteceria (e ainda não aconteceu) nos EUA. Art Spiegelman arrependeu-se e convidou-o a participar de uma linha de adaptações de literatura contemporânea para quadrinhos. Mazzucchelli dividiu com Paul Karasik a adaptação de *Cidade de vidro*, parte da *Trilogia de Nova York* de Paul Auster. Aí, depois de três edições, parou com a *Rubber blanket*. E sumiu.

Bom, não exatamente “sumiu”. Ok, Mazzucchelli não é chegado a entrevistas nem a sessões de autó-

Balões de Pensamento

grafo, convenções etc. Mas estava à vista de todos seus alunos na School of Visual Arts, onde ainda leciona, em Nova York (no mesmo departamento de Mark Newgarden, Gary Panter, Peter Kuper, Matt Maden, Jessica Abel, Nick Bertozzi, Klaus Janson). Nos primeiros anos de docência, publicou um e outro conto, por convite, até 2001. Dali em diante, só os alunos o veriam rabiscar.

Não se sabe quando ele começou *Asterios Polyp*. Há quem diga que seria a história de *Rubber blanket* n. 4, que deveria ter saído lá por 1993. Seja como for, há forte ironia na sucinta descrição de quarta capa de *Asterios* – “David Mazzucchelli vem fazendo quadrinhos a vida inteira. Esta é sua primeira graphic novel”. Ele sempre fez HQs que mereciam a prateleira de livraria, querendo livrar-se dos limites de páginas das revistas. Mas nem ele nem o mercado sabiam.

Como já apontou o crítico Craig Fisher, tanto “A queda de Murdock” – o homem que perde quase tudo, mas renasce – quanto Steven Drizzle estão em *Asterios Polyp*. Steven aparece ainda no primeiro ato, ainda com medo dos asteroides, e Asterios(-des) tranquiliza-o: “um cometa desse tamanho [que extinguiu os dinossauros] só colide com a Terra uma vez a cada cem milhões de anos”. Mas sejam cometas, aste-

Autores

roides ou meteoros, eles ainda vão ter importância na narrativa.

Citando toda sua carreira, conscientemente ou não, *Asterios Polyp* corresponde a estas três décadas da evolução *sui generis* de Mazzucchelli, e mais. A única semelhança com suas outras obras é o fato de que precisa ser reencontrada na prateleira a cada ano e ser relida. A depender do autor, vai demorar muito até termos algo que a supere.

* Publicada em 7 de novembro de 2011. Desde lá, Mazzucchelli publicou uma HQ curtinha numa antologia, em 2013. E só.

O NEGÓCIO É ACHAR
ALGUMA COISA PARA
FAZER EM CASA.
QUADRINHOS, POR
EXEMPLO.



Pelotas

Primeira hipótese: é tudo culpa da chuva. Quando começa a chover em Pelotas, há uma grande chance de que aquela chuva vá durar não algumas horas, mas alguns dias. Se começou na tarde de quinta-feira, você só vai ver o sol lá pelo meio-dia de domingo. E torça para que não fique muito quente, porque aí a umidade (na média dos 237%) se aviva e lança mais chuva. Até aí por quarta-feira.

Quando não está chovendo, é preciso ficar esperando a água secar das ruas e calçadas. O risco de alagamento e leptospirose e de a mãe puxar sua orelha por ter saído na chuva são constantes. O negócio é achar alguma coisa para fazer em casa. Quadrinhos, por exemplo.

* * * * *

Daqui a alguns dias, a Quadrinhos na Cia. lança *Ordinário*, primeira coleção impressa das tiras que o

Balões de Pensamento

Rafael Sica publica há alguns anos na internet. Sica é chamado de gênio por muita gente; eu sou só mais um. As tiras dele, quase sempre sem texto, falam de neuroses urbanas num tom surreal, com um estilo de desenho sujo – seria melhor chamar de risco em vez de desenho – que lembra gravura.

O Sica é pelotense, embora não more lá há alguns anos. Ver o álbum dele me lembrou do Odyr, que também é pelotense, também é quadrinista – lançou *Copacabana*, em parceria com Sandro Lobo, no ano passado – e também tem um estilo próprio no nanquim, que sempre me cheira a nostalgia. E lembrei também que o Rafael Grampá nasceu em Pelotas e tem feito sucesso pelo mundo com *Mesmo Delivery*.

Lembrei da Samanta, que faz os *Toscomics* – pequenas comédias autobiográficas, que geraram um séquito de fãs via internet. Do Maumau, da *Tia Chica* e do *Malditos Junkies*, que atualmente divide-se entre dar aula sobre quadrinhos, rabiscar e fabricar cerveja em Porto Alegre. Os dois de Pelotas.

Conversei com o Sica e ele me lembrou do Canini, ilustrador desde a década de 1950, famoso por quebrar o padrão Disney nas histórias que desenhou do Zé Carioca e por vários personagens (Dr. Fraud, Kactus Kid, Tibica) que viraram tiras – ele não nasceu em

Autores

Pelotas, mas é patrimônio da cidade há anos. Recebeu até título de Cidadão Pelotense. E do André Macedo, que faz aquele papel de “cartunista da cidade”, trabalhando nas tiras e cartuns do jornal local há quase vinte anos – e que foi um dos mentores do Sica.

* * * * *

Você provavelmente conhece o trabalho de algum artista plástico, músico, ator, pesquisador, poeta ou escritor pelotense. Já deve ter comido um dos tradicionais doces de Pelotas ou visto fotos da arquitetura tradicional da cidade. Conhece as piadas sobre as tendências sexuais da população, que têm a ver com a riqueza no século XIX. E até aí tudo bem, pois toda cidade do porte de Pelotas vai ter sua dose de exportação de arte, cultura e talentos.

O que é único nessa história é a quantidade de quadristas. E dos bons. Tem que haver alguma explicação. Seria tudo culpa da chuva?

* * * * *

O motivo pelo qual o Casseta & Planeta tem piadas prontas com Pelotas começa no século 19, quando a

Balões de Pensamento

cidade era uma das mais ricas do Brasil, com o comércio do charque (carne seca) estava em alta porque não existia geladeira. Filhos de charqueadores estudavam na França. Voltavam com moral, roupas, pompas e ideias europeias, que contrastavam com a figura tradicional do gaúcho. O Banco Pelotense tinha escritórios em todo o Rio Grande do Sul, além de Rio de Janeiro, Belo Horizonte e, veja só, Paris.

A bonança financiava as artes. O Theatro Sete de Abril foi fundado em 1823, um dos mais antigos do Brasil. A primeira faculdade, de Agronomia, foi inaugurada em 1883. Mais de vinte jornais locais surgiram na segunda metade do século 19 e um deles ainda é ativo. O primeiro longa-metragem brasileiro, *O Crime dos Banhados*, foi rodado em Pelotas em 1913. A terceira emissora de rádio do Brasil foi inaugurada lá em 1925. Literatos como João Simões Lopes Neto, autor de *Contos Gauchescos*, viveram nessa época de pujança. E a arquitetura pomposa da cidade permanece até hoje, tombada como patrimônio histórico.

O Banco Pelotense quebrou na década de 1920, quando a economia do charque veio abaixo (e inventaram a geladeira). A riqueza continua até hoje, mas só nas aparências dos nomes de família e em alguns hábitos, como o descaso com horários e a dedicação a ensino,

Autores

pesquisa e artes (em vez de “trabalho de verdade”). Boa parte da economia gira em torno de duas universidades, que trazem alunos de todo o país. Ainda há referências da cidade que chegam ao reconhecimento nacional, como o músico/romancista Vitor Ramil e a trupe circense Tholl. Um dos fenômenos mais recentes tem a ver com estas habilidades artístico-comerciais na internet: duas agências web fundadas em Pelotas foram compradas por grupos internacionais, em negócios milionários, em 2010.

* * * * *

Como eu vinha falando na coluna passada, tem alguma coisa em Pelotas que gera um fluxo de bons quadristas. A melhor teoria veio numa conversa com o Odyr. E vem da perspectiva de quem já é quadrista, assim como pelotense:

“Talvez a resposta seja a seguinte: o estado como um todo, tão próximo de Uruguai e da Argentina, sofreu essa influência mútua. A coisa do desenho e da gravura, as artes gráficas em geral, são muito fortes no Sul como um todo. Talvez tenha uma estética do frio aí – o desenho como pensamento, versus a pintura-cor como visu-

Balões de Pensamento

alização instintiva e solar. Se você olhar, de fato, subindo o Brasil se vê mais pintura. O Rio Grande do Sul tem um patrimônio de artistas gráficos acachapante. Se você fizer a lista dos melhores desenhistas/cartunistas brasileiros, uma porcentagem considerável deles mora no estado. Considerável. Porto Alegre deve ter mais cartunista do que qualquer outra capital no Brasil. Talvez, Pelotas, por ser uma cidade com esse perfil cultural, tenha se beneficiado dessa tendência geral, somado com um *flair* para a literatura.

* * * * *

“Quadrinhos são chamados de mídia bastarda. Surgiram com a explosão gráfica do século XIX, mas estavam abaixo do folhetim na hierarquia artística. Apesar de que, para fazer quadrinho bom, era e é necessária habilidade dupla: a mesma técnica narrativa-comunicacional para fazer bons folhetins, combinada à habilidade no desenho.

Os quadrinhos têm algo de teatral, no exagero da representação (gráfica) e na narrativa dramática. Têm também algo de circense, pelos mesmos motivos (os uniformes de super-herói eram inspirados em roupas

Autores

de circo). Têm algo de cinema, e a narrativa cinematográfica tanto influenciou quanto foi influenciada pela narrativa em quadrinhos no último século. Têm algo de música, no sentido do quadrinista ter que construir tempo com imagem e texto, como letra e melodia. Têm algo da arquitetura, no virtuosismo, no design, naquela velha comparação da página cheia de quadradinhos ao prédio e suas janelas. Têm algo de literatura e de artes plásticas, por motivos mais óbvios.

A partir daí, dá para arriscar uma teoria: os quadrinhos são um cruzamento (bastardo) de aspectos de tantas artes que, tradicionalmente, cidades com um impulso às artes grande e difuso vão gerar bons quadrinistas. Não há como fazer bons quadrinhos sem beber de todas essas influências de outros modos de fazer artístico. Viver em meio a elas é o primeiro passo. É o caso de Pelotas. É o caso de Paris. É o caso de Nova York, Cleveland, Tóquio, Bruxelas, Amsterdam, São Paulo, Rio de Janeiro e algumas outras, metrópoles ou não.

É toda essa história que gera o *Ordinário* do Sica, *O Instrumento* do Odyr, os *Toscomics* da Samanta, e tantos outros quadrinhos e quadrinistas que vêm e virão de Pelotas. O divertido é ver uma cidadezinha destas, um dos pontinhos na ponta sul do Brasil, ter influência artística no cenário nacional e internacional.

Balões de Pensamento

E saber que quadrinhos não podem ficar lá embaixo na hierarquia das artes – são justamente o resultado da soma de todas as artes.

* *Publicada em duas partes, em 6 e 20 de dezembro de 2010. Canini faleceu em 2013, aos 77 anos. Rafael Sica voltou a morar em Pelotas, assim como o Maumau e o Odyr (mas este, no momento, está em peregrinação por outras cidades).*

Eu também voltei.